

## Sobre cortes e costuras: *Joaquina, a filha do Tiradentes*

Lyslei Nascimento  
UFMG

*Abro o livro e aprendo  
a história do rancor, seus pormenores,  
seus desenvolvimentos e suas pautas,  
seus herdados instrumentos  
mesmo assim me espera uma surpresa.  
Quando fecho o breviário  
fica entre minhas mãos  
uma beira desarmada e desalmada.*

Mario Benedetti

Desde que abri um livro pela primeira vez, acompanha-me a sensação, talvez enganosa, de que um livro aberto é, também, um convite à noite. Do sono à insônia, passa-se como um relâmpago, ou como uma agulha nas mãos de uma tapeceira. Minha experiência com os livros e com os bordados deu-se no espaço noturno da insônia.

Meu pai me ensinou a ler e, assim, me fez herdeira de todos os livros do mundo. Minha mãe me ensinou a cortar: papel, tecido, linha. Minhas avós me ensinaram a cozer e a coser. De minha avó materna, Maria, como são marias todas as mães e avós, aprendi a bordar. Lembro-me de que, menina, na pressa de ver o desenho surgir no tecido, eu emaranhava os fios e fazia um aranzel. Minha avó, que também me ensinou a paciência, mas essa virtude ainda não aprendi, desafiava os nós e enrolava a lã em pequenas bolas coloridas para eu bordar. Na genealogia da família, descubro a arte das extraordinárias mulheres com quem vivo e convivo.

Sempre me surpreendeu que alguém que não soubesse ler me ensinasse tão bem a arte de bordar. A escrita, artesanato do corpo, está presente em cada ponto que aquela mulher simples me ensinou a dar. Com ela aprendi que posso variar cor e desenho, posso até variar o tamanho ou a utilidade do tecido, ou texto, que bordo. Mas o ponto, esse ponto que vai furando e escrevendo no tecido fino ou rústico, este deve continuar o mesmo. Na lição de bordado, um princípio de quase contradição. O mesmo ponto, comporta infinitas variações. De humores, de amores.

A tesoura é um instrumento essencial à minha leitura. Acostumada que estou a perceber a leitura como um lugar onde se corta, vou compondo, depois, bandeirolas ao vento. Sob a escrita que me protege, corro a tesoura e fabrico, para além da agulha, um fragmento de corpo. Cortar e bordar, costurar e colar, são atitudes que me são imprescindíveis, denuncia-me e coloca-me diante de um tecido que, com muito prazer... corto, mutilo.

Na atitude de expor o livro, eu me exponho também. Cortei *Joaquina, a filha do Tiradentes*, de Maria José de Queiroz, em quatro partes, como poderia ter cortado em duas, três ou mil e uma partes. Compus com tesoura, linha e cola outros textos-tecidos e em um outro tapete escrevi o que, para mim, significa uma dupla manipulação de corte e costura: a leitura do romance carrega, enfim a marca de minhas mãos de tesoura, das mãos de meu pai, minha mãe e minhas avós.

Cortei a capa, as iluminuras, os títulos, a letra impressa. Montei mapas de Minas, da

Inconfidência, das mulheres tecedeiras da Idade Média. Recortei do tecido-texto, trilha e bandeira; confesso, rasurei alguns livros, forjei com a insônia que ainda me visita todas as noites, a possibilidade de construir uma colcha de papel, um mosaico composto de todas as letras negras que lá pelas tantas começam a escorrer sobre a folha.

É uma coisa curiosa cortar um livro, escrever nele, construir com ele outra história, a própria história: bandeirolas ao vento. Porque um livro é um espaço fechado onde o desejo de voar lateja, não dorme, espera.

Acompanhar com tesoura, agulha e a linha o corpo esquartejado da filha do Tiradentes pôs-me diante de uma encruzilhada: a história e a literatura. A ficção de uma vida que, em segredo, se recortou diante de todas as possibilidades de escolha que eu tinha. Alguns leitores escolhem os livros, muito engraçado que durante toda a minha vida, tenho sido escolhida por eles. Livros noturnos, bíblicos, sagrados. Livros que reproduzi, traduzi, cortei. Sempre chego ao corte, porque na ferida que provoço, leio o entremeio do bordado: a escritura.

Cortando *Joaquina, filha do Tiradentes* cheguei a um duplo tecido que a literatura pode alinhar: minha leitura se encontrou, no corte, com a costura da escritora. Nesse lugar esgarçado ou simplesmente partido da trama, refiz o traçado, desdobrei os silêncios e urdi, noturnamente, o exercício da fiandeira.

Assim como me contaram, contei as contas do rosário. Rosário de lágrimas e de bordados, de cortes e de costuras. O enxoval, a bandeira e os manuscritos se perderam na noite escura. Só pude ver o pé – torcido, claudicante – e a mão que sangrou em cada página. Com uma gota de sangue em cada folha, cortei e costurei.

Cai na armadilha e me deixei enredar nas tramas que essas habilidosas mulheres me lançaram. Marias, Joaquinas... Sei que abri o livro e aprendi, uma história tecida de mágoa, como são todas as histórias de rancores de filhas. Percorri pautas musicais e pormenores do cotidiano. As agulhas e os instrumentos de toda a história da filha do Tiradentes sei de cor. Mesmo assim, sob esse sol negro, me esperava uma surpresa: quando fecho o livro, fica entre minhas mãos uma renda. Uma tira de renda, miudinha e cálida, por entre a renda, um sussurro, no sussurro, um aprendizado: "a minha morada foi arrancada, removida para longe de mim, como uma tenda de pastores; como um tecelão enrolei a minha vida, da urdidura fui cortada" diz o texto bíblico.

A voz da melancolia – a bile negra, ou a tinta, me devolve a insônia e o infinito corte-costura de outro livro, outra vida – ensina-me que a leitura e a escrita exercem sobre o texto tecido alguma violência, que transformam sujeito e objeto no claro-escuro da existência.